

# DA SÉRIE “SEX EDUCATION” AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DE UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Cristiano Eduardo da Rosa<sup>1</sup>  
Jaime Eduardo Zanette<sup>2</sup>  
Jane Felipe<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo aborda os desafios contemporâneos de uma educação para a sexualidade por meio de debate sobre a série “Sex Education”. Tomando a produção como artefato cultural e pedagógico, problematizamos a necessidade de inserir na escola discussões acerca de corpo, desejo e prazer, a partir dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais em uma perspectiva pós-estruturalista. No seriado, um filho de terapeutas sexuais inicia atendimentos no seu colégio para ajudar colegas com dúvidas e problemas com suas sexualidades, evidenciando uma demanda discente em relação a esses conteúdos. Consideramos que práticas e produções culturais podem e devem ser operadas com estudantes a fim de debater tal temática, combatendo também preconceito e violências.

**Palavras-chave:** Artefato cultural e pedagógico; Educação para a sexualidade; Gênero.

## From the "Sex Education" series to contemporary challenges of an education for sexuality

**Abstract:** This study addresses the contemporary challenges of sexuality education through a debate on the "Sex Education" series. Taking production as a cultural and pedagogical artifact, we have discussed the need to insert in the school discussions about body, desire and pleasure, from Gender Studies and Cultural Studies in a post-structuralist perspective. In the series, a son of sexual therapists starts attending his school to help colleagues with doubts and problems with their sexualities, evidencing a student demand in relation to these contents. We consider that cultural practices and productions can and should be operated with students in order to discuss this theme, also combating prejudice and violence.

**Keywords:** Cultural and pedagogical artifact; Education for sexuality; Gender.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([cristiano1105@hotmail.com](mailto:cristiano1105@hotmail.com)).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([edujaimesl@gmail.com](mailto:edujaimesl@gmail.com)).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul ([janefelipe.souza@gmail.com](mailto:janefelipe.souza@gmail.com)).

## EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE... (IM)POSSIBILIDADES DE UMA COMBINAÇÃO?

*- Tô preocupado com você... olha em volta! Todo mundo ou tá pensando em transar, vai transar ou já tá transando. E você nem consegue um "cinco contra um!"*

*- Eu tenho bastante tempo!*

*- Hum... eu não sei não, cara! As coisas estão mudando por aqui, e estão mudando rápido.<sup>4</sup>*

Orientação sexual. Educação sexual. Educação sexualizada. Educação em sexualidade. Educação para a sexualidade. Seja qual for o termo, esse conteúdo tem passado cada vez mais distante dos currículos teórico e prático das escolas brasileiras, principalmente frente aos discursos vindos de movimentos como o da “Ideologia de Gênero”<sup>5</sup> e da “Escola Sem Partido”, que atua desde 2004 como uma iniciativa contra o uso das escolas e universidades para fins de propaganda ideológica, política e partidária, também Projeto de Lei, iniciado em 2014 e arquivado em dezembro de 2018 pelo Congresso Nacional, mas com implementação de leis semelhantes em diversas cidades do Brasil.

Em ambas as articulações citadas, originadas de organizações políticas e religiosas, um dos principais objetivos está em retirar do campo da Educação o trabalho com a sexualidade junto a crianças e adolescentes, deixando essa função para as famílias – o que aconteceu em 2014 com a aprovação do Plano Nacional da Educação (PNE) sem menção a gênero e sexualidade. Ao mesmo tempo, inúmeros/as pesquisadores/as e estudos apontam na potencialidade da parceria dessas duas instituições – escola e família – em prol de possíveis aprendizagens sobre a temática de maneira cuidadosa e segura.

Uma questão que esses movimentos têm conseguido junto à grande parte da população é a instauração de um pânico moral, distorcendo e criminalizando conceitos teóricos importantes em relação à sexualidade e também ao gênero. Assim, o processo educativo que visa o respeito às diferenças e aos Direitos

---

<sup>4</sup> A cada abertura de seção deste artigo, inserimos um recorte de um diálogo presente no primeiro episódio da série, fazendo referência ao conteúdo a ser apresentado e problematizado.

<sup>5</sup> Sobre a “Ideologia de Gênero”, sugerimos a leitura de alguns autores que consideramos fundamentais para um melhor entendimento da questão, a saber: Rogério Diniz Junqueira (2017; 2018), Richard Miskolci e Maximiliano Campana (2017) e Rafaela Oliveira Borges e Zulmira Newlands Borges (2018).

Humanos estaria sendo desvalorizado e, ainda, os/as docentes sendo acusados de doutrinação. A concepção de uma “naturalidade” da sexualidade e do gênero, colocando-os como quase inquestionáveis e inerentes a uma suposta natureza humana, seria um dos grandes fatores que têm fomentado os movimentos conservadores.

E com vista nestas problematizações, neste estudo flexibilizamos a relação entre a série “Sex Education”, original da plataforma Netflix<sup>6</sup>, e a possibilidade de articulação com o campo educacional concebendo-a como artefato cultural e pedagógico a fim de compreender e analisar a experiência dos jovens protagonistas do seriado com a temática da sexualidade. Dessa forma, procuramos estabelecer uma articulação das experiências vivenciadas pelos personagens com as teorizações dos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, na intenção de demonstrar a importância de incorporar a discussão de temas como corpo, desejo, prazer e relação sexual na sala de aula, pois esta tem sido uma demanda relevante da juventude, não podendo ser ignorada.

Com a intenção de compreender as possibilidades de realizar análise com e sobre imagens, investimos neste trabalho com uma metodologia inspirada na etnografia de tela. Tal processo é uma experiência de pesquisa, oriunda da Antropologia, que tem como enfoque o contato direto e longo do/a pesquisador/a com o objeto de pesquisa que a investigação está sendo realizada. Nesse sentido, a observação e o registro em diário de campo são algumas ferramentas fundamentais para o/a etnógrafo/a, que toma como desafio o estranhamento do que lhe parece natural, familiar e corriqueiro.

Baseados nestes conceitos e práticas, convergimos para realização de uma metodologia em que a tela torna-se nosso meio e lugar da observação das relações, tendo como objeto de estudo a série. Sendo assim, o instrumento fílmico é encarado como um constructo de significados – atravessados pelo social e cultural – que nos interpelam. Dessa forma, destacamos o longo contato com o campo – neste caso a série – demandando observação sistemática e variada em que necessitou assistir mais de uma vez os episódios, fazendo uso de

---

<sup>6</sup> Netflix é uma plataforma de filmes e séries fundada em 1997 nos Estados Unidos e que hoje é considerada o principal serviço de entretenimento de streaming do mundo, com 183 milhões de assinaturas pagas em mais de 190 países, cujos membros podem assistir o quanto quiserem, a qualquer hora, em qualquer lugar, e em qualquer tela conectada à Internet.

um caderno de campo para registrar a descrição de algumas cenas e realizar uma produção de informações e teorizações acerca delas.

## UMA “CLÍNICA CLANDESTINA” NA ESCOLA PARA TRATAR DE SEXUALIDADE

*- Sobre o que você queria conversar?*

*- Tá vendo aquelas duas? A da direita nunca teve uma relação lésbica, ela tá apavorada com a vagina da namorada dela. Aquela ali acha que "tocar siririca" vai fazer o clitóris dela cair, ela se odeia, mas não consegue parar de se tocar. Tá vendo os dois? É ele que tá passando piolho pubiano pra todo mundo.*

*- Aonde quer chegar?*

*- Os alunos desta escola precisam de ajuda! E precisamos do dinheiro... Não resolvi os detalhes, mas sou boa com números. Então eu lido com as coisas do negócio e você lida com a terapia. A gente cobra por consulta e divide a grana!*

*- Terapia?*

*- É, terapia sexual! Você tem um dom, seria irresponsável desperdiçar!*

A série “Sex Education” é uma comédia dramática original da Netflix que estreou em 11 de janeiro de 2019 com oito episódios com a média de 50 minutos de duração cada. A série britânica tem classificação de 16 anos e foi anunciada em novembro de 2017, tendo as suas primeiras imagens e data de estreia divulgadas apenas em dezembro de 2018 e seu trailer oficial na primeira semana de 2019. Com criação assinada por Laurie Nunn, direção de Ben Taylor e produção executiva de Jamie Campbell e Joel Wilson, o seriado apresenta no elenco nomes como Gillian Anderson, Asa Butterfield, Ncuti Gatwa e Emma Mackey. Três semanas depois do lançamento, a segunda temporada já havia sido confirmada, estreando em janeiro de 2020.

A série, que teve locações na Inglaterra e nos País de Gales, apresenta ao espectador uma trilha sonora que introduz aos mais jovens algumas músicas que fez muito sucesso no passado, principalmente nos anos 80, como Billy Idol, Talking Heads e The Cure, entre tantas outras bandas e músicos que acabam colaborando com a criação de uma atmosfera “grunge”<sup>7</sup> ao enredo. Esse aspecto,

---

<sup>7</sup> *Grunge* é um movimento cultural com início em Seattle, nos Estados Unidos, que, com base em um estilo musical vindo do rock e do punk, ditou no início da década de 1990 o comportamento de jovens,

juntamente com a cenografia e os figurinos – itens que não podem passar despercebidos em uma etnografia de tela – ajuda no clima que a produção passa de algo retrô, com referências para uma época entre anos 80 e 90, e, ao mesmo tempo, com elementos contemporâneos, como celulares e computadores portáteis. Talvez a premissa seja justamente mostrar como jovens, seja há 30 ou 40 anos atrás ou atualmente, sempre buscaram/buscam saber mais sobre sexo e sexualidade.

Cabe mencionar que a introdução de cada episódio vem de uma cena que problematiza a sexualidade com personagens da série, sem muitos indícios de ficção. Apesar de haver uma unidade narrativa, os episódios podem ser compreendidos de maneira independente, mesmo que diferentes fatos sejam retratados ocorrendo simultaneamente e com continuidade. Nesse contexto, os personagens apresentam variadas personalidades e aspectos psicológicos, dando representatividade à juventude.

Na trama, Otis Milburn é um jovem de 16 anos, filho único do casal divorciado Jean e Remi – ambos terapeutas sexuais. Com certa compreensão sobre sexualidade pela vivência com a mãe principalmente, o adolescente aceita a parceria de uma amiga para instaurar uma espécie de “clínica clandestina” no Colégio Moordale, a fim de tratar da mesma temática com a qual os pais trabalham, uma vez que seus colegas apresentam variadas dúvidas e problemas, que não são tratados no currículo escolar deles.

Otis, que ainda é um jovem sem experiências sexuais, acaba por utilizar todos os seus conhecimentos sobre sexualidade, tomando como base as conversas com sua mãe desde criança. Além disso, o personagem se vale do seu contato com materiais, manuais e vídeos explorados em casa, para potencializar a intervenção de seus “atendimentos”. Assim, ele presta apoio a outros/as estudantes da escola por meio de uma “espécie de terapia sexual”, a fim de resolver algumas incertezas de seus colegas, e por vezes também as suas, que variam bastante, desde o tamanho do pênis, a dificuldade de encontrar prazer, problemas para ejacular, inseguranças para ficar nu em frente de outra pessoa, etc.

---

reverberando até a atualidade com referências na atitude, na música e na moda, com as clássicas camisas de flanela xadrez e calças rasgadas.

A ideia de clandestinidade da “clínica” é algo no qual podemos iniciar problematizando. Afinal, já demonstra o quanto a sexualidade está imersa em uma relação de poder, que limita e envolve a necessidade de estabelecer controle, o que, por consequência, desencadeia conflitos e resistências. Vale considerar que tais ações na escola nos chamam atenção, especialmente pelo fato de que “o processo de escolarização se constitui de práticas sociais, ao mesmo tempo em que produz, organiza e regula ideias e concepções sobre que ações são possíveis e legítimas” (SILVA; SOARES, 2014).

Neste sentido, atentamo-nos para as ações cotidianas, pois elas constroem formas de viver a sexualidade e o gênero. Além disso, são nessas práticas que se constituiriam possibilidades criativas e inovadoras. Portanto, a “clínica clandestina” poderia ser entendida como uma forma de inovação e resistência, que se constitui em um ambiente que procura limitar as discussões que envolvem as sexualidades. A relação de Otis com seus melhores amigos é um ponto importante na narrativa. Juntamente com Maeve – uma garota popular – e Eric – um rapaz negro e gay – o trio desenvolve o enredo em torno de questões importantes como masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros.

As ações realizadas por Otis poderiam ser encaradas sob a perspectiva foucaultiana das “tecnologias do eu” (FOUCAULT, 1991), que consistem na tentativa de estabelecer o controle sobre si mesmo e sobre os outros. Tal prática ocorre por meio da construção de técnicas que possibilitam aos indivíduos desenvolver por conta própria, ou com a ajuda de outros, algumas operações sobre seu corpo e sua alma, conduta, pensamentos, ou qualquer forma, construindo, assim, transformação em si com o objetivo de alcançar certo estado de felicidade, sabedoria ou imortalidade.

Conforme Jane Felipe (2000), a sexualidade infantil se tomou alvo de preocupação e controle, necessitando ser monitorada, em especial a partir do final do século XIX. A fim de estabelecer um melhor governo dos corpos, a educação voltou-se para a formação de bons hábitos morais e físicos, de acordo com os padrões daquela época. No que tange a juventude, Rosimeri Aquino da Silva e Rosângela Soares (2014) pontuam que esta é geralmente colocada como um problema, ou seja, a/o jovem é muitas vezes considerada/o uma ameaça para si e para o grupo que a/o cerca. Neste sentido, a visão do adulto em relação à juventude é representada por situações de perigo, sendo a sexualidade um dos pontos centrais desse risco como: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez

precoce, etc. Assim, há o reforço da lógica de que a juventude deve ser olhada com desconfiança e receio (FRAGA, 2000). Afinal, as/os jovens seriam consideradas/os, ao mesmo tempo, sujeitos com o desejo sexual em evidência, mas imaturos para manter uma relação com responsabilidade.

A partir dessas perspectivas, podemos perceber que em ambos os grupos geracionais permanece a ideia de um controle da sexualidade. Por isso, na série encontramos um forte investimento em tecnologias de si, repercutindo na condução da conduta dos sujeitos. Em outras palavras, podemos considerar que as práticas de Otis, ou mesmo do Colégio Moordale perante os/as estudantes, podem ser analisados como um exercício de governo (FOUCAULT, 2008). Tal ação se estabelece na medida em que o protagonista problematiza determinadas situações que inquietam seus colegas, fazendo com que estes sujeitos possam refletir sobre seus pensamentos, ações e (re)direcionem suas próprias condutas. A escola, por sua vez, ao didatizar a sexualidade, por meio de palestras e aulas pautadas somente por um viés biologicista, também exerce uma forma de governo sob os corpos dos/as adolescentes.

## O CONHECIMENTO ACERCA DA SEXUALIDADE: FRAQUEZA X PODER

*- Eu acho que... eu queria ser um garoto normal, com um pai normal e um pai normal.*

*- Eu acho que você precisa assumir a sua narrativa. E não deixar que ela controle você! Sim, você tem um apêndice enorme e, sim, você é muito visado na escola pela posição do seu pai. Mas isso não vai mudar! Mas a sua perspectiva pode!*

A temática da sexualidade, para muitos, está diretamente relacionada com as práticas da vida sexual dos sujeitos; assim, períodos como a infância e a velhice, em que tais atos não são esperados, poucos são problematizados. Contudo, Jimena Furlani (2016, p. 127) aponta que "a sexualidade do que está antes (a criança) e do que está depois (a terceira idade) é vista com o olhar da censura, da discriminação, do espanto, do feio, da incompreensão".

Na série "Sex Education", tomada aqui como um artefato cultural e pedagógico (ANDRADE; COSTA, 2015), uma vez que reflete os padrões sociais construídos por uma sociedade e também um produto que pode ensinar modos de pensar, o protagonista Otis aprende sobre sexualidade sem tabus desde pequeno, por conta da profissão da mãe, uma terapeuta sexual que atende em sua residência. Porém, todo esse conhecimento construído, talvez

nem sempre da melhor maneira possível, faz com que ele tenha problemas com sua própria vida sexual. Todavia, percebe-se que ele opera com discursos nos quais utiliza seus enunciados sobre sexo para ajudar colegas da escola, que parecem não ter muito contato com a temática naquele espaço educativo, nem mesmo em seus respectivos lares.

Traçando um paralelo com a nossa realidade social, notamos que interpeladas pelos discursos de silenciamento e proibição, muitas famílias criam tabus acerca da sexualidade e acabam construindo essa imagem aos/às filhos/as, como um assunto de cunho íntimo e pessoal, um problema a ser resolvido apenas pelo sujeito que a vive, no privado. No entanto, como afirma Deborah Britzman (2016, p. 92), "a sexualidade não é o problema: ela é o lugar ao qual os problemas se afixam". Assim, falar sobre ela deveria ser algo natural, tal qual como questionar o que se sabe acerca da temática e os discursos que ecoam pelos espaços que transitamos.

Richard Miskolci (2015, p. 61) observa que:

Temos que encarar o desafio possível de lidar com a sexualidade como algo cultural e que influencia todos os aspectos de nossa vida em sociedade. Precisamos repensar nossos modelos de recusa, mas também os de aceitação. Nesse sentido, temos que olhar mais criticamente para as representações culturais com as quais vivemos, nos divertimos e também aprendemos. Poderíamos tentar inserir ruído, inserir dúvida sobre coisas que antes ainda eram vistas como naturais ou indiscutíveis.

Tendo isso em vista, na análise da série também podemos notar que o “silenciamento” sobre as temáticas em torno do sexo incitam ainda mais a curiosidade, produzindo assim discursos e práticas que escapam da vigilância e controle de adultos, tanto na escola quanto em casa. Frente a tal situação, com a intenção de vigiar e controlar as situações, a instituição de ensino desenvolve algumas aulas que abordam a sexualidade sempre voltada a uma perspectiva biologicista. Ou seja, o tema da sexualidade é abordado em aulas esporádicas de Biologia e temas como menstruação são discutidos em uma palestra para todos/as os/as alunos/as do Colégio Moordale.

Tal percepção foi possível pela abordagem realizada da produção midiática em análise, ao investigá-la por meio de uma metodologia inspirada em uma mistura da etnografia com a observação da tela que reproduzia os episódios. Conforme Carmem Silva Rial (2005, p. 20-21), a etnografia de tela

é uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em caderno de campo, etc., e outras próprias da crítica cinematográfica (análise de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações).

Sobre as práticas de controle, destacamos que tais ações vão ao encontro das contribuições de Michel Foucault (2015), quando discute a sexualidade como mecanismo importante para analisar a genealogia do sujeito. O autor retoma o período vitoriano, o qual ele considera como o princípio de um grande deslocamento em relação à sexualidade dos períodos anteriores. Esse período marca uma sexualidade contida, reprimida, silenciada, velada, e justificada pela família conjugal. Assim, a norma sexual que passa a vigorar nas relações é alicerçada pelo casamento legítimo, com fins de procriação, dando início à marcha da hipocrisia nas sociedades burguesas.

Foucault (2015, p. 11) compreende a repressão como uma forma de relacionar poder e sexualidade e, deste modo, “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”. É a partir dessa repressão do sexo que surge a necessidade de se falar sobre ele, a fim de estabelecê-lo dentro de um discurso. Para isso, diversos mecanismos de escuta sobre o sexo, principalmente com a inspiração na confissão religiosa, foram sendo aprimorados para reprimi-lo. Cabe aqui mencionar que os campos da Justiça Penal, da Medicina e da Psiquiatria também produziram discursos sobre o sexo como forma de gestão e controle.

Na série “Sex Education”, percebe-se bem esse movimento opressivo e repressivo que atua sobre os/as estudantes no aspecto da sexualidade, em que poucas informações circulam em seus meios e a única maneira de acesso ao conteúdo é transgredir e buscá-lo da forma como lhe é ofertado. Nesse sentido, a etnografia de tela nos deu subsídios para perceber tais movimentos, pois, como afirmam Patrícia Abel Balestrin e Rosângela Soares (2014, p. 91), “um percurso etnográfico requer tempo, investimento, olhar mais e mais a tela, de diversos ângulos. Um caminho no qual o próprio ato de olhar transforma quem vê e o que vê”.

No caso da produção, podemos perceber que as aulas que trataram da temática da sexualidade buscaram potencializar uma hipótese repressiva,

procurando didatizar o sexo. Neste caminho da didatização, destaca-se um pressuposto de controle, no qual se torna explícito o quanto o discurso biológico prevalece o cultural quando o assunto é sexualidade na escola. Estas observações vão ao encontro do conceito de biopoder (FOUCAULT, 2015), ou seja, uma rede sutil de discursos que visam elaborar uma verdade sobre o sexo a fim de exercer poder sobre as vidas. Tal ação age por meio de mecanismos disciplinares e regulatórios sobre os corpos, procurando agir sobre a população, que no caso de “Sex Education” é representada pelo grupo de estudantes da escola.

No intuito de expandir um pouco a nossa discussão acerca de sexo para além da Biologia e buscando compreendê-lo como um construto tanto social quanto cultural, recorremos aqui às contribuições de Paula Regina Costa Ribeiro (2008, p. 15) quando discute acerca da Educação Sexual. A autora revisita a recente história da educação sexual no Brasil e estabelece uma crítica ao salientar que "a escola, a igreja, a medicina, a família e instituições não-governamentais foram e são instâncias que procuram regular a sexualidade de crianças, adolescentes, homens e mulheres por meio de uma educação sexual".

Neste sentido, seria preciso ir além dos padrões comumente marcados dessa prática, compreendendo que há muitos conflitos vividos por crianças e jovens a respeito da sexualidade e que estes poderiam abalar sua autoestima, influenciando nas relações sociais e, principalmente, nos estudos. Tais situações são vistas claramente na série em análise, quando personagens se veem sem rumo em suas privacidades e mesmo relacionamentos com outros sujeitos, o que só vai ser modificado a partir do contato com Otis e seus conselhos sobre sexo.

Além disso, conforme Guacira Lopes Louro (2008, p. 72) argumenta:

Sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem a curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso, pode levar a apostar que uma teoria e uma política voltadas inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso.

Assim, a sexualidade seria encarada como uma potencializadora de aprendizagens e, portanto, componente humano que, segundo Furlani (2016), é um assunto de interesse de crianças e adolescentes. Dessa forma a escola deveria garantir em todos os níveis de escolarização uma pedagogia que

possibilite discussões e inclusão deste tema no currículo das instituições educativas. Todavia, isso não é uma tarefa fácil, afinal, grande parte dos movimentos que querem coibir a discussão sobre sexualidade em sala de aula no contexto brasileiro é oriundo de uma matriz religiosa, principalmente católica e evangélica, o que nos possibilita estabelecer relação com o conceito foucaultiano de poder pastoral. Conforme Foucault (2004), o “poder pastoral” é uma forma de relação de poder que visa ser estabelecido em um grupo, operando individualmente em cada seguidor. Dessa forma, o ‘pastor’, investido deste poder, busca zelar pela salvação de seus fiéis, que por sua vez, se submetem a seguir determinada moral a fim de purificar sua alma.

Com base nestes pressupostos, encaramos a Educação Sexual não como uma pedagogia, mas conteúdos escolares necessários para uma formação integral de estudantes em diversos contextos. Para além das dúvidas que são comuns a essa faixa etária sobre as temáticas referentes à sexualidade, chamamos a atenção também para as desigualdades de gênero, que por sua vez está relacionada a inúmeras formas de violência, principalmente contra meninas e mulheres.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico (BRASIL, 2018) do Ministério da Saúde publicado em junho de 2018 sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil entre 2011 e 2017, dos 184.524 casos, 76,5% foram em vítimas com menos de 17 anos de idade. O perfil mostra que as principais vítimas de estupro são crianças, de um a cinco, do sexo feminino, violadas dentro de casa, repetidas vezes, por familiares ou amigos que frequentam o ambiente.

A ausência de espaços para uma educação para a sexualidade acaba promovendo, de alguma forma, uma lacuna para aprendizagens por meio de outras formas, como a pornografia, uma ficção científica da sexualidade humana. Crianças e adolescentes têm acesso fácil a sites com conteúdos de sexo explícito, que acabam afetando no seu desenvolvimento afetivo sexual, principalmente em um cenário em que pais não se sentem à vontade para conversar e na escola não se pode falar sobre a temática.

Com isso, como aponta Bruna de Lara (2018), jovens tendem a não saber diferenciar sexo de estupro. Tanto as meninas não sabem que são estupradas, quanto os meninos não se veem como agressores, principalmente pela imagem do estupro como uma ocorrência cometida por estranhos em lugares escuros e

desertos. Isso mostra o quanto sexo precisa estar presente na escola, não somente nas aulas de biologia, mas em debates interdisciplinares sobre relações afetivas sexuais, consentimento e violência sexual.

Angelo Brandelli Costa (2018) também alerta que a melhor maneira para se combater o preconceito e proteger as crianças de agressões de natureza sexual é justamente falar com elas de maneira franca e sem estigmas sobre gênero e sexo. Um trabalho de qualidade com essas temáticas na escola, indo na contramão de uma onda conservadora atual no país, não perverte crianças e jovens, assim como seria capaz também de reduzir a vulnerabilidade para o HIV.

Nesse contexto, acreditamos que seria preciso um local seguro para que o debate sobre tais temáticas acontecesse e deixassem os jovens à vontade, seja na escola ou na família. Cabe referir que dois ambientes de destaque ao longo da primeira temporada da série são exatamente o Colégio Moordale e a casa de Otis Milburn. A escola possui um espaço bastante grande, um prédio cheio de salas e com algumas construções em desuso, como um antigo banheiro no qual Otis inicia a prática de aconselhamento sexual a alguns de seus colegas. Já na sua casa, rodeada de árvores do lado de fora e quadros e objetos fálcos do lado de dentro, possui uma varanda ao livre onde toma café da manhã com sua mãe e uma sala onde Jean atende seus clientes na terapia sexual. Contudo, é no quarto do jovem que seus pensamentos sobre sexo tomam conta de sua cabeça e o fazem questionar sobre si e sobre os outros.

## O QUE SERIA PRECISO PARA TERMOS UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE?

*- Meu querido... eu notei que você anda fingindo que se masturba. E tava pensando se você não quer falar sobre isso. Foi o creme de mãos que entregou tudo e olha... a revista tava um pouco exagerada. De qualquer forma, quero que saiba que pode falar comigo sobre qualquer coisa, sem julgamento.*

*- Ai Deus...*

*- Esse é um lugar seguro!*

*- Esse não é um lugar seguro, mãe! Você tem que parar de analisar tudo o que eu faço.*

*- Eu vou quando parar de criar situações performáticas que você quer claramente que eu observe.*

A sexualidade está presente em todos os espaços e todos os envolvidos no processo educativo escolar educam com seus discursos e suas práticas; o perigo nesse contexto se encontra na naturalização destes processos que tendem a ser desiguais e estereotipados. Uma efetiva educação para a sexualidade talvez fosse possível com uma (des)construção de conceitos e consciência sobre si e o outro, além da necessidade de haver uma rede de apoio para com a prática, em que família, escola, conselho tutelar, assistência social, delegacia e posto de saúde atuem juntos. Na série “Sex Education”, observamos como a falta dessa articulação pode fazer com que os/as jovens se sintam perdidos e, em virtude disso, acabem tomando informações nem sempre seguras como algo confiável a se fazer. Como nos indica Louro (2016), se as questões da sexualidade forem tratadas como assuntos de cunho privado, deixaremos de perceber sua dimensão política e social.

Pesquisa realizada em janeiro de 2018, a pedido do Ministério da Educação e colocada em prática pelo Instituto GPP, ouviu 2.004 pessoas de 11 estados e do Distrito Federal, revelando que 55,8% dos entrevistados afirmam que a abordagem das questões de gênero e sexualidade deveria fazer parte do currículo escolar. Outra questão da mesma pesquisa averiguou se os participantes saberiam explicar o significado do termo "Ideologia de Gênero", mostrando que 62,6% não sabem. Frente a tal situação, concordamos com Furlani (2007) ao ressaltar que todo o assunto marcado pela normatização, pelo olhar moral e polêmica são encarados como monstros curriculares.

Nesse sentido, pensando sobre o currículo na teoria e na prática, Louro (2014, p. 132), salienta que a polêmica sobre o trabalho com a sexualidade na escola é histórica e se apresenta sob diversos questionamentos:

Educação sexual é uma questão do âmbito do privado, a ser encaminhada e tratada exclusivamente pela família ou a escola dela deve participar (ou dela deve se incumbir)? É conveniente falar sobre sexualidade ou isso pode incitar precocemente os/as jovens? Se tais questões forem discutidas na escola, devem ser desenvolvidas numa disciplina específica ou devem ter um caráter multidisciplinar? Devem ser compartilhadas por várias disciplinas? Num horário regular? Obrigatório? Extra-classe? Opcional? Que tipo de formação devem ter os/as professores/as encarregados/as dessa atividade? Qual o caráter de suas aulas? O objetivo (ou a preocupação) deve ser informar? Prevenir? Orientar? Moralizar?

Assim, destacamos a importância da reflexão sobre essas questões a fim de compreender não somente a importância do trabalho com a sexualidade na escola, mas também entender como esse exercício não pode ser descontextualizado e ter objetivos que não sejam claros e embasados, com educadores/as aptos para essa atividade e apoio das famílias.

A combinação de educação com sexualidade causa diversos pensamentos que tendem a polemizar esse arranjo e em um sentido muitas vezes equivocado. As ideias de que essa prática seria voltada unicamente para ensinar a relação sexual ou confundir crianças e jovens quanto às suas identidades sexuais são falaciosas e não podem ser consideradas como forma de justificar a não realização desse trabalho na escola. Refletimos que tal pensamento pode ser operado pela direção no Colégio Moodale na série “Sex Education”, tendo em vista que tal temática não é considerada necessária de debate por uma visão “protetora” aos/às jovens.

Assim, seria preciso compreender que a Educação tem propósitos muito mais amplos para além de ensinar a ler, a escrever e a contar; possui um compromisso ético, de articular competências e habilidades para um crescimento seguro, para que estudantes tenham a oportunidade de conviverem em um mundo mais igualitário e justo.

Neste contexto, ainda referimos aqui as “Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro” (UNESCO, 2014) - uma adaptação para o cenário do país com base em um documento internacional da mesma organização - cuja educação em sexualidade teria seis conceitos-chave, sendo eles: (i) relacionamentos; (ii) valores, atitudes e habilidade; (iii) cultura, sociedade e direitos humanos; (iv) desenvolvimento humano; (v) comportamento sexual; e (vi) saúde sexual e reprodutiva.

Pensando na série “Sex Education”, acreditamos que se houvesse alguma orientação nesse sentido, docentes poderiam desenvolver aulas aplicando conceitos voltados para a compreensão da sexualidade e suas manifestações e, em consequência, os/as estudantes se sentiriam mais seguros/as na construção e descobertas de suas identidades e performances sexuais.

Dessa forma, questionamo-nos: poderia mesmo o tratamento com as questões de sexualidade desde a infância amadurecer precocemente a criança? Não seria mais seguro aprender e debater sobre sexo na escola em vez de aprender em casa, muitas vezes de forma equivocada? Levando em conta que a

maioria das famílias não se sente apta para esse tipo de conversa, qual seria o papel da escola nessa formação? A série “Sex Education” nos mostra que há algumas famílias que se preocupam com a educação dos/as filhos de maneira mais ampla, com aprendizagens para a vida, para o desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão. Contudo, estes anseios não são vistos pelas escolas, são ignorados.

## SEXUALIDADE: TÓPICO FUNDAMENTAL PARA FORMAÇÃO DOCENTE

*- Maravilha, então... o que era pra ser Biologia, agora é uma aula emergencial de Educação Sexual! Aparentemente há um surto de piolhos pubianos. O Sr. Groff achou que vocês precisam refrescar a memória, e que sorte a minha, né?! Tô brincando! Gente, isso aqui ver ser incrivelmente estranho. Vocês vão trabalhar em pares, vão precisar de folhas de papel, dois medicamentos e um pinto de plástico com bolas.*

O debate sobre sexualidade na escola estaria diretamente vinculado com a questão da formação docente para este trabalho, uma vez que serão estes profissionais os responsáveis pelo desenvolvimento dos conteúdos que abordam a temática com crianças e adolescentes. Se a sexualidade é apresentada, e por vezes debatida, na internet, no cinema, na televisão, na música, na literatura, entre outros, por qual motivo educadores/as achariam que a temática não seria trazida e falada também na escola? Seria a dúvida sobre as diretrizes educacionais e legislativas acerca do debate e abordagem dessa temática?

Na série em análise aqui neste artigo percebemos como docentes sentem-se inseguros com a temática, o que acaba resultando em aulas tradicionais que prioriza mais a teoria do que a prática. Nesse contexto, Fernando Seffner (2011, p. 569-570) destaca que

Abordar temas relativos a gênero e sexualidade exige nas escolas a presença de professores com formação específica, feita geralmente na modalidade de formação continuada ou em serviço. Esses temas aparecem de modo imprevisto na sala de aula, e em princípio qualquer professor deve estar preparado para uma abordagem inicial. Mas um trabalho continuado deve ser feito por docentes com qualificação dispostos a enfrentar essas questões.

Nesse sentido, torna-se fundamental um estudo por parte de educadores/as, desde a Educação Infantil, a respeito das questões que envolvem a sexualidade para saberem lidar sem desconforto com a curiosidade de crianças – por exemplo com o nascimento, a concepção, as práticas sexuais, o autoerotismo – e comportamentos que fogem do padrão normativo (FELIPE, 2019). Porém, para isso, precisaríamos começar com o exercício de pensar a sexualidade infantil sem realizar comparações com a adulta, principalmente quando formos analisar e interpretar as suas manifestações. Como destaca Furlani (2016, p. 128), “o adulto que busca interpretar o comportamento infantil sob sua ótica (já saturada de sensualidade e, porque não dizer, de pornografia) tenderá a considerá-la igualmente assim, altamente erotizada”.

Dessa forma, a sexualidade infantil e juvenil deveria ser concebida como atos de descoberta e reflexos de curiosidades sobre si e sobre o outro com comportamentos espontâneos e sem malícia. Porém, para muitos sujeitos – inclusive educadores/as – a associação de sexualidade com infância, por exemplo, ainda é inconcebível, já que este é um período do desenvolvimento humano tido como uma época de inocência e pureza e, desse modo, incompatível com as temáticas sexuais, com se as crianças não exercitassem a descoberta do corpo, seus prazeres e desejos desde a mais tenra infância.

Observa-se ainda, em tal pensamento, a ideia equivocada de que a sexualidade e o sexo estão atrelados ao pecado e à culpa. Estudantes colegas de Otis em “Sex Education” demonstram exatamente isso: um sentimento de que responsabilidade pelo desconhecimento, uma espécie de culpabilidade por não saber como lidar com sua sexualidade e, assim, acabam considerando errado determinados pensamentos e vontades. Ao longo da produção de nosso caderno de campo, ao assistir e investigar a série, em diversos momentos (a)notamos cenas que mostram essa sensação de autoria pela confusão ou dúvida com a sexualidade.

Nesse sentido, ainda nos parece que há uma forte concepção cultural e histórica de uma criança idealizada como um sujeito que não possui autonomia sobre si mesma, que não tem condições de governar seu próprio corpo. Porém, a mesma criança é utilizada para garantir a normalização do futuro adulto, para instaurar a norma a fim de torná-la heterossexual (PRECIADO, 2014).

Acerca de um trabalho com a sexualidade com crianças, Felipe (2012, p. 57) pondera que

O planejamento deve ser sempre maleável, sujeito a alterações, de acordo com as necessidades do grupo de crianças. Isto não quer dizer, porém, que as coisas devam acontecer na base do improviso. Outro ponto interessante é a tranquilidade que os docentes devem ter na hora de administrar certas situações (...) Há muitas formas de desenvolver projetos sobre sexualidade com crianças pequenas. O importante é que ele faça parte da e do planejamento da escola e não seja colocado em ação apenas em situações "emergenciais", para "apagar incêndios", diante de alguma situação inusitada que ocorra na escola.

Assim, caberia ao corpo docente perceber que as sexualidades, assim como as relações de gênero, permeiam todos os sujeitos, sem distinções, e não apenas aqueles que são marcados pelo que a sociedade considera um desvio da norma – como gays e lésbicas (PICCHETTI; SEFFNER, 2017). Debater a heteronormatividade também seria uma prática produtiva em sala de aula, até porque ninguém escapa dela, todos/as estão inseridos/as nessa regulação, nem que seja para negá-la.

Os discursos sobre sexualidade se modificam e se multiplicam, assim como as resistências frente a movimentos conservadores (LOURO, 2016). Por isso, a dúvida deveria desestabilizar as certezas que se dizem absolutas e únicas sobre corpos, diferenças, identidades e sexualidades, colocando sob suspeita certas convenções que não acompanham a evolução histórica das culturas. Além disso, sexualidade deveria ir além do estudo do aparelho sexual (alguns autores de livros didáticos ainda insistem em chamar de “aparelho reprodutor”), devendo ser trabalhada de forma interseccional, levando em conta aspectos de classe social, gênero, raça, religião, inserção rural ou urbana, dentre outros.

Assim, tópicos como sexualidade e gênero precisariam estar em constante atenção docente em formações iniciais e continuadas, pois a atualização e o aperfeiçoamento de conhecimentos sobre esses temas são demandas atuais e fundamentais para a formação e organização de uma sociedade pautada no respeito à diversidade. Nesse sentido, ainda cabe destacar que a maioria dos cursos superiores de licenciatura não contempla tais tópicos, cabendo a cursos de extensão ou de especialização a formação continuada de docentes. Na série em análise neste artigo, a carência de formação docente para o trabalho com tais temáticas é evidenciada pela própria prática de aconselhamento entre colegas que Otis se propõe a realizar.

## EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: INFORMAR PARA PROTEGER

*- Essa é uma nova fronteira, meu amigo sexualmente reprimido!  
Nossa chance de finalmente escalar a cadeia alimentar social.  
Havemos de nos transformar, de lagartas solitárias em incríveis  
baleias assassinas!*

*- Precisamos mesmo?*

*- Prepare-se para os dois melhores anos das nossas vidas!*

Com este estudo emergido da série “Sex Education” evidenciamos como a educação para a sexualidade seria um desafio e, ao mesmo tempo, um debate importante no âmbito escolar na contemporaneidade, uma vez que informar sobre essas temáticas seria proteger estudantes contra medos e mitos. Tendo em vista que a maioria das violências sexuais acontece em casa, é na instituição escolar que crianças e adolescentes pedem ajuda e apresentam suas angústias, curiosidades e dúvidas. Nesse sentido, consideramos que seria preciso um investimento maior na formação dos/as docentes.

Pesquisas recentes, como mostramos, têm apontado para um apoio do trabalho com gênero e sexualidade em sala de aula, mas também apresenta uma carência de informações que desmistifiquem alguns conceitos e minimizem alguns pânicos morais que se instauram, quando conhecimentos deturcados acerca de estudos científicos são compartilhados e não verificados pela comunidade escolar, seja de dentro ou de fora da escola, como as famílias.

Tendo em vista a existência de uma demanda de questionamentos por parte de estudantes sobre sexualidade, como podemos observar nas nossas anotações e teorizações sobre a série e também nas cenas que abriram cada seção deste artigo, pensamos que talvez seria interessante debater as questões referentes à sexualidade a partir das afirmações, dúvidas, expectativas e experiências dos/as próprios/as estudantes. Assim, o/a docente poderia se sentir mais seguro/a na mediação em relação ao conteúdo a ser trabalhado, da mesma forma que os/as alunos/as se sentiriam mais confiantes em trazer para a sala de aula o que pensam que realmente importa e precisa ser falado.

Portanto, precisaríamos afastar a ideia de que a educação sexual poderia erotizar as crianças e adolescentes, quando o que deveria ser destacado é o fato de que, seja na escola ou em casa, a sua prática as deixa mais conscientes sobre si mesmas e as protege contra a violência sexual, uma realidade tão presente no



cotidiano da sociedade moderna e que por vezes parece ser velada para não passar uma imagem de problema público.

A série "Sex Education" nos mobilizou a pensar em uma educação para a sexualidade trazendo a realidade dos/as alunos/as para a escola, abordando a temática em sua pluralidade, denunciando clichês, (des)construindo concepções tradicionais e reorganizando modos de viver e se relacionar com outros sujeitos. Sem padrões ou prescrições, a ideia seria movimentar nossos saberes e provocar novas aprendizagens acerca de outras manifestações possíveis sobre sexualidade, em que docentes se sintam instigados/as a colaborarem na formação integral de estudantes em todos os seus aspectos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio/ago. 2015.

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. "Etnografia de Tela: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195-218.

BORGES, Rafaela Oliveira; BORGES, Zulmira Newlands. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230039, jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. v. 49, n. 27, jun. 2018. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2020.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 83-111.

COSTA, Angelo Brandelli. Quer proteger crianças de abuso e preconceito? Então, precisamos falar sobre sexo e gênero com elas. **The Intercept Brasil**,

18/11/2018. Disponível em: <http://theintercept.com/2018/09/17/abuso-sexo-educacao-homofobia-criancas>. Acesso em: 6 abr. 2020.

FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 54-87, jan./jun. 2000.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FELIPE, Jane. Sexualidade na infância: dilemas da formação docente. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande: UFMS, 2012. p. 47-58.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo**. Barcelona: Paidós, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Trajetória)

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46. p. 269-285, dez. 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: FURG, 2017.

LARA, Bruna de. Jovens não sabem diferenciar sexo de estupro – e o Escola Sem Partido quer impedir que aprendam. **The Intercept Brasil**, 5 de junho de 2018. Disponível em: <http://theintercept.com/2018/06/05/jovens-sexo-estupro-escola-sem-partido>. Acesso em: 6 abr. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-34.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl., 2. reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Série Cadernos da Diversidade; 6)

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017.

PICCHETTI, Yara de Paula; SEFFNER, Fernando. É melhor ser incluído ou não ser percebido? Dífceis decisões no dia a dia das salas de aula. In: SILVEIRA, Catharina et al. (Orgs.). **Educação em Gênero e Diversidade**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2017. p. 93-104.

PRECIADO, Beatriz. Quem defende a criança queer? **Revista Geni**, n. 16, out. 2014. Disponível em: <http://revistageni.org/10/quem-defende-a-crianca-queer>. Acesso em: 6 abr. 2020.

RIAL, Carmem Silva. Mídia e sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam et al. (Orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. Revisitando a história da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.) **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 2. ed. Rio Grande: FURG, 2008. p. 11-16. (Caderno Pedagógico - Anos Iniciais)

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 561-588, maio/ago. 2011.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Sexualidade e identidade no espaço escolar: notas de uma atividade em um curso de educação a distância. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 1, p. 135-151, 2004.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014.

*Recebido em 20 de abril de 2020*

*Aprovado em 20 de julho de 2020*